

Faculdade de Letras já não é «vermelha»

PC perdeu último bastião estudantil

Pela primeira vez desde 1974, a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa deixou de estar nas mãos do PC: nas eleições recentemente realizadas para aquele órgão académico, a lista C, integrada por elementos ligados a partidos democráticos, derrotou por uma margem de 358 votos a lista L, conatada com o partido comunista.

O PC perdeu assim um dos seus últimos bastiões que conservava no meio estudantil. Um feudo que até aqui conseguia sobreviver devido à actividade de uma minoria de agitadores que controlavam a Faculdade segundo as habituais fórmulas de manipulação e agressão ideológica.

Importa agora que esta vitória, resultante da vontade maioritária dos alunos em se liberar da coacção comunista, se alargue a outros departamentos no seio da Escola, de forma a que a Faculdade de Letras de Lisboa recupere a sua dignidade e a finalidade cultural, formativa, social e humana para que foi criada.

Em anteriores actos eleitorais para a Associação de Estudantes da Faculdade de Letras, a percentagem de abstenções cifrava-se nos 85 por cento, ou seja, praticamente só 800 alunos dos 6500 é que votavam. Tal situação era resultante da desmotivação existente na Escola, na incapacidade de se encontrar uma alternativa para a hegemonia comunista ali implantada.

Este ano as três juventudes partidárias mais importantes a nível nacional — a JSD, JC e independentes — congregaram esforços no sentido de combater a hegemonia «vermelha» existente na Associação de Estudantes. Os seus propósitos, contidos no programa eleitoral, eram bem claros: «o estabelecimento da organização e eficiência na Faculdade e elevar o nível pedagógico, intelectual e cultural, tanto a nível de ensino como de rendimento dos alunos».

Combater o marxismo e privilegiar a cultura portuguesa

Segundo referiu a «O Diabo» o novo presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras, Francisco Lopes, «esta votação é reveladora do interesse dos alunos pela vida universi-

lucionariamente, promover uma semana de solidariedade com a Nicarágua...»

— Mas como mudar o sistema aí implantado logo após o 25 de Abril?

Responde-nos Francisco Lopes: «Não só através de colóquios em que intervenham figuras ilustres da nossa cultura e que têm sido ignoradas por esta Casa só pelo facto de não serem de esquerda, mas também através da criação de novas secções e intercâmbios com os vários países europeus. Não faz sentido, por exemplo, que sendo leccionada nesta Faculdade várias línguas europeias, sejam nulos os contactos com esses países. Vamos intensificar os contactos com outras associações de estudantes congéneras, da Europa, de forma a trazer a Portugal elementos e actividades ligadas às culturas europeias, impondo, como contrapartida por parte desses países, a divulgação da nossa cultura».

Encontrar novas alternativas, em conjunto com o Governo, de forma a desbloquear a saída profissional dos recém licenciados nos cursos da Faculdade de Letras, é outro dos pontos fulcrais por que vai pugnar a nova Associação de Estudantes da Faculdade de Letras.

«No ano passado — referem-nos Francisco Lopes — o curso de História só foi colocado em licenciado e para uma substituição nos Açores. O novo Plano de Regionalização, por exemplo, poderá vir a colocar muitos licenciados com o curso e História na província. As bibliotecas, museus e arquivos aí existentes poderão tornar-se espaços vivos, sobretudo através da experiência e da mentalidade desses recém licenciados».

«A mudança que nós queremos dinamizar — prossegue — passa por uma questão de se encontrarem novas mentalidades: a vida universitária em termos europeus reflecte-se não só no campo da preparação profissional como também

na área específica da investigação. Há que fortalecer a investigação científica dentro das Ciências Humanas (o que se poderá fazer com o recurso à informatização) e promover a reestruturação dos planos curriculares, interligando-os ao mundo profissional, através da realização de estágios».

Actos intimidatórios

Para os novos elementos da Associação de Estudantes da Facul-

dade de Letras agora eleitos, torna-se imprescindível que a vitoria das forças democráticas se reflectisse igualmente nas próximas eleições para o Conselho Directivo.

No entanto, correm já boatos na Escola de que há professores que se estão a movimentar no sentido de intimidar os alunos não comunistas e não votarem ou a votarem na esquerda.

Como explicar esta estranha situação? Foi-nos referido que há «meestres» «caídos» na Faculdade unicamente em resultado de compedrios políticos, muitos deles profissionais e culturalmente desclassificados, e que neste momento se agarram com unhas e dentes ao «tacho» que lhes permite auferir bons ordenados com pouco trabalho.

Por outro lado, a própria passagem de testemunho nos órgãos directivos da Associação de Estudantes não tem sido pacífica, sobretudo devido às habituais manobras pécipistas.

«Há vários dias que esperamos pela rectificação e actualização do movimento bancário da antiga direcção, de forma a desbloquearmos verbas neces-

J. L.



Francisco Lopes: «Impõe-se desmistificar a imagem de esquerda do intelectual»

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
X
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Organização estudantil - eleições
dissocia